

Lições do arcaico – Cantigas de Fernan Garcia, Esgaravunha

João Bortolanzaⁱ, da UEMS

Magistra vitae, a História sempre tem algo a ensinar a quem quiser refletir sobre a realidade presente. Se isso vale para todos os fenômenos históricos, vale sobremaneira para a Língua. Ir ao passado é ir às origens, às raízes que se firmaram obra de uma coletividade no decorrer de muitas gerações, fixando tendências, balizando fenômenos (leis!). Foi assim que se herdou um patrimônio com tais características, dentro de determinadas fronteiras, invariante a sobreviver entre as variantes, não sem sofrer mudanças.

Admitir isso não é ir ao passado como à terra dos sonhos, para sempre perdida, assim como não é apenas visitar um museu de uma realidade distante, sem outro interesse que o de conhecê-lo. Ir ao passado é procurar a linearidade que conduziu a língua através dos séculos, que se manteve una em sua diversidade, que variou sim, mas sem perder a sua identidade. Ir ao passado é procurar entender a língua como fenômeno histórico, é procurar entender o presente pelo que o passado fixou nela.

Estou retomando artigos anteriores: “O Latim e o Ensino de Português” e “Cantiga em Diacronia”ⁱ. A preocupação é a mesma que manifestei no Discurso de Posse como sócio correspondente da Academia Brasileira de Filologiaⁱⁱ (Ago/2001):

No Brasil, tornou-se lugar-comum alardear que “o latim é uma língua morta”. Isso falado por nossos colegas dos cursos de graduação e pós-graduação em Letras, ao mesmo tempo em que revela unilateral abordagem sincrônica da Língua Portuguesa, denota o “pré-conceito” que se propala pelos nossos meios acadêmicos com relação ao Latim, à Filologia, aos estudos diacrônicos. E, como todo preconceito, não precisa de explicações, afirma-se tautologicamente, tornando-se até pressuposto basilar para o constructo lingüístico que se impinge

ⁱ Professor Visitante da UEMS, aposentado pela UFMS, sócio correspondente da Academia Brasileira de Filologia, Dourados-MS

¹ Cf. Revista *Philologus* n.18 e 21, respectivamente de Set/Dez 2000, p 77-85, e Set/Dez 2001, p. 39-52..

ⁱⁱ Cf <http://www.filologia.org.br/academia/index.htm>

aos nossos alunos.

Urge fomentar as pesquisas, produzir e publicar, fortalecendo os laços entre os poucos que ainda “se atrevem” a levantar a bandeira da Diacronia – agora estimulados pelos quesitos do Provão – tentando formar professores do Português sincrônico e diacrônico, já que Diacronia e Sincronia são apenas aspectos analíticos da mesma realidade: vivemos a Sincronia que é a resultante da Diacronia, sendo que esta explica aquela e só quem conhece ambas pode considerar-se especialista em Língua Portuguesa.

Nesse intuito, apresentam-se didaticamente aspectos fonéticos, morfológicos, sintáticos e léxico-semânticos de quase duas dezenas de cantigas de Don Fernan Garcia, Esgaravunha, constantes no *Cancioneiro da Ajuda*, edição de Carolina Michaëlis de Vasconcelosⁱⁱⁱ (cantigas 114- 128 e 410-412). Em especial, a cantiga 119:

CA 119 (2875)

Quan muit' eu am' ua mulher
non-no sabe Nostro Senhor;
nen ar sabe quan gran pavor
ei og' eu d'ela, cuido-m'eu;
5 ca se o soubesse, sei eu
ca se doeria de mi,
e non me faria assi
querer ben a que me mal quer.

Pero que dizen que negar
10 non xe lhe pode nulha ren
que el non sábia, sei eu ben
que aind'el non sabe qual
ben lh'eu quero, nen sab' o mal
que m'ela por si faz aver;
15 ca se o soubesse, doer-
s'-ia de mi, a meu cuidar.

Ca Deus de tal coraçõ é
que, tanto que sabe que ten
eno seu mui gran coit(a) alguen,
20 que logo lh'i conselho pon.
E por esto sei eu que non
sab' el a coita que eu ei;
nen eu nunca o creerei
per aquesto, per bõa fé.

QUAN MUIT' eu am' ua mulher //
non-no sabe Nostro Senhor; //
NEN AR sabe // QUAN gran pavor
ei og' eu d'ela, — cuido-m'eu; —//
5 CA / SE o soubesse, / sei eu //
CA se doeria de mi, //
E non me faria // assi
quereR ben a // QUE me mal quer.

PERO QUE dizen // QUE / negaR
10 non xe lhe pode / nulha ren //
QUE el non sábia, // sei eu bem //
QUE aind'el non sabe // QUAL
ben lh'eu quero, // NEN sab' o mal //
QUE m'ela por si faz aveR; //
15 CA / SE o soubesse, / doer-
s'-ia de mi, a meu cuidar.

CA Deus de tal coraçõ é //
QUE, / TANTO QUE sabe // QUE ten
eno seu mui gran coit(a) alguen, //
20 QUE logo lh'i conselho pon. //
E por esto sei eu // QUE non
sab' el a coita // QUE eu ei; //
NEN eu nunca o creerei
per aquesto, per bõa fé.

iii *CANCIONEIRO DA AJUDA*. Edição de Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Reimpressão da edição de Halle (1904), acrescentada de (...) e do glossário das cantigas (*Revista Lusitana, XXIII*). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, (1990), 2 vol.

Pela segunda coluna, já se percebe a riqueza sintática dessa cantiga: são apenas 4 frases constituídas respectivamente de 11, 13, 5 e 4 orações. Fernan Garcia, o Esgaravunha, era freqüentador das cortes^{iv}, conhecedor profundo dos cânones da poesia provençal. Das 18 cantigas constantes no CA (*Cancioneiro da Ajuda*), 10 são cantigas d'amor ditas "de maestria" e 8 "de refram". O galego-português manifesta-se nele na sua "forma culta", seguindo normas de um "bom falar" que, sabe-se lá, devia ter suas formas de ser ensinado.

Nessas cantigas d'amor, quão distantes andam as construções simples das cantigas d'amigo, com um abuso da parataxe e das coordenadas com a aditiva E, a revelarem seu caráter popular – ainda que os mesmos poetas compusessem ora umas, ora outras. Fernan Garcia emprega sobretudo a hipotaxe, podendo-se contar 21 conectivos subordinantes, contra apenas 5 paratáticos. Há sem dúvida "maestria" nesse encadeamento sintático, nesse estilo cheio de anáforas, epímones, poliptotos (mordobres) e outras figuras, seguindo à risca o "servir", o "amor cortês", a "mesura", a viver o artifício da "coita" implacável^v.

Dos muitos aspectos que poderiam ser analisados, a partir da CA 119, nas cantigas do Esgaravunha, destaco:

a) o emprego do tríplice emprego da subordinante "ca", derivado de *quia* (causal) e depois empregado em lugar de *quod* (integrante) e *quam* (comparativo), em coocorrência com "que:"

CA, se o soubesse, sei eu = PORQUE (causal)

CA se doeria de mi (v. 5 e 6) = QUE (integrante)

b) o emprego de alguns arcaísmos, como AR (v. 3), ER, AL, ENO (v. 19), PER (v. 24), REN e NULHAREN (v. 10) e os dêiticos ESTO e AQUESTO (v. 21 e 24).

c) a freqüente sinalefa com elisão da vogal final, a explicar formas atuais, como gota d'água – não se diz gota d'óleo! –, deste (d'este), D'ELA (v. 4, hoje escrito "dela"), e as formas apocopadas, como em GRAN coita (v. 19) e EL (v. 11 e 12):

que EL non sábia, sei eu ben

que aind'EL non sabe qual

d) a síncope da sonora intervocálica -n-, com a nasalação regressiva, às vezes em processo de desnasação, *verbi gratia*: ua < *uma* (v. 1); boa < *bona*, (v. 24), depois > boa; pøer < *poner(e)*, como em pon (v. 20) < *pone (ponit)*

e) as reminiscências sintéticas da categoria grau dos nomes, com formas como maior, melhor, mas sobretudo o emprego de formas analíticas seja para o comparativo e superlativo de superioridade (v. 19 "mui gran"), como para o aumentativo (v. 3 "quan gran pavor")

^{iv} Cf. *Cancioneiro da Ajuda*, edição de Carolina Michaëlis, 1904), vol. 2, p. 347-350 e *passim*.

^v Cf. SPINA, Segismundo. *A Lírica Trovadoresca*. São Paulo: Edusp, 1996.

f) empregos arcaicos dos pronomes clíticos, como a nasalação em NON-NO (v. 2) e as apossínclices, ou próclise com a intercalação de palavras entre o clítico e o verbo, posto que “contíguo ao elemento subordinante” (MATTOS E SILVA, 1993, p. 128^{vi})

(qual) / ben LH'eu quero, nen sab'o mal

que M'ela por si faz aver (v. 13 e 14)

que logo LH'i conselho pon (v.20)

1. Observem-se os seguintes empregos:

(1) entender ben, senhor, se vos disser / alguma ren, CA vos dirá pesar.
- 114,7

(2) e ben sei eu, de pran, CA se fezer / mia senhor o que ten no
coraçõn /

CA perderei eu o corpo... - 122, 13

(3) CA enquant'eu coidei o[u] entendi / CA me podia Deus vosso
ben dar - 125, 13

(4) CA me fez Deus por meu mal entender / todo seu ben; e poi-lo
entendi; mais en tan grave dia foi por mi / CA mais coitad'ando CA ant'andava
- 127,9

(5) Se vos eu amo mais d'outra molher, / nen CA outr'ome, mais CA
min nen al - 123, 7

(6) a Deus rogar / quer'eu assi, (CA assi m' é mester), / QUE el me dê
mia morte - 114,12

(7) amei-vos muito mais CA mi (...) d'u eu amass(e) outra mulher /
mais CA vós;

mais pois que Deus quer / QUE eu a vós queira melhor

valha-m'el contra vós, senhor, / CA muito me per é mester! - 115,

16 e 20-24

No Português Arcaico, a conjunção CA cumpria praticamente as funções do atual “que”, com o qual já dividia as ocorrências, como se pode ver em (6) e (7). CA em (3) é causal e integrante; em (4) é causal, consecutiva e comparativa; em (6) é causal e integrante; e em (7) comparativa duas vezes, integrante e causal. Convergência da causal *quia*, da comparativa *quam* e da integrante *quod*, CA passou a convergir também com QUE (<*qui, quem, quid, quod*), donde se podem elucidar as tão diversas funções do português atual.

CA é hoje um arcaísmo, como outras palavras que hoje já não se usam. PER, por exemplo, mantinha a função reforçativa (7), presente até hoje em derivados com esse prefixo, como em perfeito, perfazer e perquirir.

AR e ER, que provavelmente derivaram de *ad+re* (em latim *ar* era variante arcaica de *ad* como prefixo, o que, segundo Michaëlis^{vii}, explicaria formas

vi *O Português Arcaico – Morfologia e Sintaxe*. São Paulo: Contexto, 1993.

como arrefecer, arrebentar, arreesar) são usados também como reforçativos no português arcaico:

(8) e AL mi-AR conven / de lhe rogar que AR cofonda quen
me non leixa convosco mais morar (116, 12)

(9) non-no sabe nostro Senhor, / nen AR sabe quan gran pavor (119, 3)

(10) nen o AR faz longe morar / d' u ela é, sen seu prazer (120, 5)

(11) nunca lh'AR pude rogar des ali / por NULHA REN do que lh'ante
rogava (127, 17)

(12) Muit'ER temi; mais eu cuidei

Outro arcaísmo freqüente era AL (< *aliud*: outra coisa) significando outra coisa em (9) e (13) de vos rogar por est', e non por AL (122, 9 – opondo-se ao neutro *por esto*)

Também significa outra pessoa, como em (5) e em:

(14) Quen vos foi dizer, mia senhor, / que eu desejava mais AL / ca vós ,
mentiu-vos. (115, 2)

(15) que nunca vi prazer de min, nen d'AL (124, 5)

(16) que por ela – e non por AL – / me veerian morte prender (410, 10)

Observem-se os empregos de REN, provençalismo empregado muitas vezes como o francês *rien* com o significado de “nada”, ao lado de NULHA REN, como em (11), em 119, 10 e:

(17) Que grave coisa, senhor, d'endurar (...) PER NULHA REN de non
aver poder (114, 3)

(18) Ca non ei sabor / de NULHA REN (116, 18)

(19) amar / a que non ouse REN dizer (120, 3 = a quem não ouse nada
dizer)

(20) por NULHA REN do que lh'ante rogava (127, 18)

Esse valor negativo absoluto vem da expressão *nulham rem natam*, ‘nenhuma coisa nascida’, que, por caminhos diversos, originou *nulla* em italiano, *rien* e *ren* em francês e provençal, e *nada* em castelhano e português (no português arcaico, *nada* significava ‘nascida’). Empregava-se REN (do acusativo latino *rem*) com o significado latino ‘coisa’, como em (1) e:

(21) que deseje eu mais d'OUTRA REN (115, 14; assim em 120, 12; 127, 15;
410, 22)

(22) Se vos eu amo mais que OUTRA REN, / senhor freiosa (123, 1)

Quanto à dita flexão de grau, válida para os superlativos e comparativos dos adjetivos e advérbios latinos, são poucos os exemplos no Português Arcaico até o século XV (Cf. MATTOS E SILVA, 1993, p.34), encontrando-se apenas “as formas comparativas de base lexical distinta dos adjetivos” (Id., 1989, p. 208) MELHOR e MAIOR (9 e 2 ocorrências, respectivamente):

- (23) Deus que vos falar / fez mui MELHOR e MELHOR parecer de quantas outras donas quis fazer (114, 16)
- (24) pois que Deus quer / Que eu a vós queira MELHOR, / valha-me (115, 22)
- (25) A MELHOR dona que eu nunca vi (...) e a que Deus fez MELHOR parecer (118,1-3)
- (26) A que el fez MELHOR falar / do mund(o), e MELHOR parecer (120, 17)
- (27) sode'-la MELHOR / dona de quantas eno mundo vi (117, 10)
- (28) vi ua dona MELHOR parecer / de quantas eno mundo vi (127, 3)
- (29) E se eu ant' en mui gran coit'andava, / já m'esta dona faz MAIOR aver (127, 8)
- (30) venho-vos eu rogar / con a MAIOR coita que nunca vi (122, 2)

Ocorrem 3 empregos adjetivais superlativos de MELHOR em (25) e (27) e de MAIOR em (30), sendo adverbiais os outros 6 empregos de MELHOR, enquanto MAIOR (29) é um adjetivo de grau comparativo de superioridade: 'já m'esta dona faz maior [coita] aver'.

Quanto aos graus superlativo e comparativo de superioridade sintéticos, só mais tarde ocorrerão, por regressão erudita – é bom lembrar que a volta ao Latim Clássico foi e continua muito produtiva, sendo responsável por metade, aproximadamente, do vocabulário português. Característica do Latim Vulgar, as formas analíticas para a flexão de grau nominal, incluindo-se os aumentativos e diminutivos dos nomes, dominam nas cantigas de Fernan Garcia, assim como no português arcaico e na linguagem popular.

A destacar-se o emprego de GRAN sazon, torto, pesar, ben, coita, para indicar o aumentativo, às vezes superlativizado como em (29), em 119, 9 e:

- (31) en mui gran coit'andava (127, 12)
- (32) Ca estou eu og'a mui gran pavor de o veer (122, 7)
- Ou com ajuda de outros adjetivos, como TAMANHO, TAL, QUAL e QUE, como em 119, 12 e:
- (33) e pois aqui tamanha coita ei (128, 4 e, semelhante, em 10 e 13))
- (34) e pois tal coita ei aqui (128, 16)
- (35) Vedes que coita d'endurar! (412, 28)
- (36) pois a vós pesa de vos eu dizer / qual ben vos quero (= quão grande) (114, 12)

A par de MUI GRAN, ocorre três vezes MUI BON:

- (37) seu mui bon parecer (412, 20)
- (38) de mui bon preço e de mui bon sen (118, 5)
- A expressão arcaica TAN MUITO ocorre 5 vezes com valor superlativizante, como em:
- (39) E fez mi-o voss'amor tan muito mal (124, 4)
- Interessante seria observar todas as ocorrências de subordinantes com-

parativas, que indicam superioridade. Sirvam os excertos citados:

Mais ... CA: (4), (7), (14), destacando-se o emprego de “ca min” em (5);

Mais ... D’outra molher (5) ... d’outra ren (21)

Mais ... QUE outra ren (22).

Finalmente, retomando o item f) supra, vale verificar como era comum a apossíncise, de cunho “culto” – *venia* pelo anacronismo! – a indicar o aprimoramento dos poetas cortesãos, como Fernan Garcia: exemplos de (5) a (12), (20), (22), (29), (36) e (39).

Os aspectos fonéticos, morfológicos, sintáticos e léxico-semânticos contemplados nesse trabalho sirvam como um pequeno esboço do que é possível desvendar, quando se vai ao passado com o intuito de “explicar o presente” (FARACO, 1998, p. 76^{viii}). A elaboração de Gramática do Português Arcaico, somando com *Estruturas Trecentistas*^{ix} (Cf MATTOS E SILVA, 1989), e de bons glossários para explicar as acepções dos vocábulos em sua evolução e os arcaísmos – retomando os esforços dos ditos “filólogos portugueses”, porque conhecedores do Português em todas as suas dimensões, com as implicações históricas, culturais e sociais – sem dúvida, é tarefa urgente e imprescindível para os estudiosos das Letras.

RESUMO: *Magistra vitae*, a História sempre tem algo a ensinar a quem quiser refletir sobre a realidade presente. Excursos para o passado do galaico-português incitam a ver nossa Língua numa dimensão histórica: que marcas traz do passado Latino, que estágios as variantes prenunciavam, que variações sofreu até chegar à atualidade. Apresentam-se didaticamente aspectos fonéticos, morfológicos, sintáticos e léxico-semânticos de uma dezena de cantigas de Don Fernan Garcia, Esgaravunha, constantes no *Cancioneiro da Ajuda*, edição de Carolina Michaëlis de Vasconcelos.

PALAVRAS-CHAVE: cantigas – Fernan Garcia – descrição diacrônica – variação

viii *Linguística Histórica*. 2a. ed. São Paulo: Ática, 1998, Cap. IV.

ix MATTOS E SILVA, R. V. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, {1989}.